



JOSÉ CARDOSO PIRES:

— *A organização de um prémio é fundamentalmente o seu estatuto...*

Atribuído em três anos consecutivos, o Prémio *Camilo Castelo Branco* é hoje uma realidade cultural da maior importância e significa, através da linguagem das cifras e das tiragens, ~~um despertar da opinião~~ pública relativamente à obra dos nossos escritores.

Aberto o precedente, vencidas a apatia e a desconfiança de leitores e editores, outras iniciativas começaram a tomar corpo, e entre elas o Prémio *José Lins do Rego*, que acaba de ser conferido pela primeira vez, e um outro, de grande importância também, a instituir pela Sociedade Portuguesa de Escritores com o apoio da Fundação Gulbenkian.

Em que medida — poderá perguntar-se — estas distinções, multiplicando-se entre nós, concorrem para a formação de um novo público e de novos autores de originais portugueses? Em que medida podem gerar a confusão? Correr-se-á o risco de uma dispersão ou resultará uma linha de

equilíbrio da coexistência destes e de outros futuros prémios?

— *Qualquer das hipóteses é de considerar, mas pode verificar-se uma terceira e pior: a de se obter uma coexistência de vários prémios à custa de compromissos entre eles. Lá fora é um pouco isso que acontece, e se não veja-se o inquérito de Mino Monicelli que chegou a nós através do «Jornal de Artes e Letras»...*

Estas palavras vêm-nos de José Cardoso Pires, e a autoridade de que se revestem é sublinhada, no caso do escritor, pela circunstância de ser ele, na direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, quem mais directamente tem contactado com o *dossier* Prémio *Camilo Castelo Branco*.

— *Claro que não existe uma correspondência literal do caso italiano, apontado no inquérito, para o nosso meio — continua José Cardoso Pires. — A nossa literatura não atingiu a universalidade que acarreta esses perigos, até porque o prestígio univer-*

livros de port  
Nov

sal de uma literatura não depende exclusivamente da qualidade dos seus autores... Mas o artigo de Monicelli merece meditação. É um aviso. Conheço Monicelli, que anda pela minha idade e viveu uma dolorosa etapa da sua pátria. Sei como lutou contra a confusão e compreendo a amargura de ver agora as coisas confundidas de outra maneira.

O autor de *O Anjo Acorado* insiste particularmente neste ponto. Em sua opinião «o confusionismo» não provém da «pluralidade de prémios literários» (ou da coexistência, como lhe chamámos), da mesma forma que «só episódica e temporariamente, as diversidades de opinião crítica dispersam e desorientam o público.» E esclarece:

— Um prémio é sempre um júri e os maus prémios servem-se dos maus eleitores e vice-versa. É certo que a pluralidade de iniciativas deste género, num mesmo período regular e num mesmo país, podem motivar um condicionamento psicológico na opinião pública. Podem levá-la a menosprezar o significado desses múltiplos galardões. Teremos então um fenómeno de habituação, se se quiser, mas o confusionismo não vem daí. Na minha maneira de ver, a «concorrência» entre os vários prémios de um ano literário só os pode levar a melhorar de exigências.

— Em que sentido essa concorrência se afigura possível no caso dos dois grandes prémios, o Camilo Castelo Branco e o Lins do Rego? Existirão pontos de contacto entre ambos?

— Antes de mais nada «concorrer» aparece aqui entre aspas. Significa uma marcha em paralelo e não uma batalha de atropelos. Concorre-se em prestígio e no êxito da selecção. Concorre-se, fugindo ao vício clássico dos júris sistemáticos porque se assim se não fizer, muitos autores acabarão por escrever para um júri e não para um país.

— Quando do estudo do Prémio

Camilo Castelo Branco falou-se na organização de um júri de leitores. Considerou viável essa sugestão?

— Não. É preciso dar responsabilidades a quem publicamente se tem vindo a responsabilizar. Mas isto não significa que se escolham sistemáticamente e com leves alterações de circunstância os mesmos elementos que saltam de júri para júri. Assim, a pluralidade corre o risco da confusão.

— Voltando ao inquérito de Monicelli: verifica-se uma preocupação dos entrevistados em equacionarem problemas de organização, de jogos sociais e de opção entre velhos e novos. Considera alguns destes aspectos significativos na nossa realidade literária?

— Muito pouco. A organização de um prémio é fundamentalmente o seu estatuto, e se o souber individualizar em relação aos outros não dispersará as atenções e terá desde início uma expressão válida e inequívoca. Assim fez o editor Souza-Pinto que também neste aspecto foi claro e rigoroso. Resta aos futuros prémios encontrarem a sua, deles, expressão que os independente.

Quanto à quarela entre novos e velhos isso é sanfona gasta. A S.P.E. instituiu os Prémios de Revelação, destinados a estreantes, como o nome indica. Por sua vez, o Camilo Castelo Branco incide sobre um autor publicado... Os vazios vão-se preenchemo e entretanto preparamos um outro «grande», o maior de todos em valor monetário, instituído pela S.P.E. em colaboração com a Fundação Gulbenkian.

— Elío Vittorini disse um dia que «os prémios são destituídos de qualquer valor cultural». Esta atitude peremptória parece-lhe partilhada por alguns dos nossos escritores?

— Possivelmente... Vittorini, que é um dos mais sérios e mais importantes prosadores europeus, vê-se

# JOSÉ CARDOSO PIRES

(continuado da pág. 4)

obrigado a assistir a malabarismos de certos aspirantes ao Nobel. A ambição de ser «um Nobel» estraga o escritor e estragou o prémio Nobel, que raramente acerta na escolha. Pessoalmente, sou partidário dos prémios, excepto, de um modo geral, os chamados de consagração. Um autor como Fernando Namora teve agora, a meu ver, a melhor consagração ao ser distinguido com o «Lins do Rego» no confronto com outros camaradas, novos, velhos e estreantes. Sim, decididamente os prémios são um estímulo e devem ser um acto de justiça.

E nós não estamos tão ricos e tão bem tratados de justiça que usemos de sobrancérias inconscientes que, algumas vezes, só encobrem despeito e falta de desportivismo.

E a terminar:

— Mas, é claro, há prémios e prémios. Até hoje concorri pela primeira vez na vida a um — ao «Camilo Castelo Branco» de 1958. Tornarei a candidatar-me na primeira oportunidade mas até lá isso não depende apenas de mim. Depende, e muito, do talento do júri para lhe garantir prestígio e isenção. Depende, em suma, do seu gosto literário e do respeito que manifestar por si mesmo e pelo prémio a que preside.